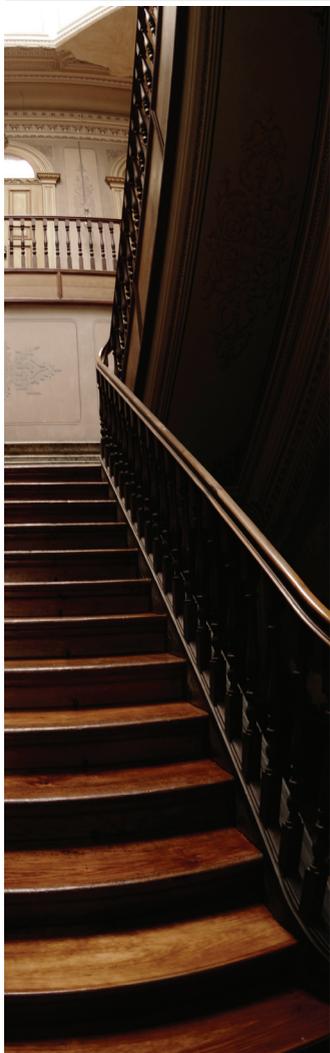


Espaços de luz e Sombra



Fotografia **☞** **Instalação**

Exposição organizada no âmbito da disciplina
Fotografia e Instalação – ESAP - 2012
Professor responsável – Mestre João Lima

Participantes

Inês Soveral
João Pinto
Juliana Costa
Ricardo Teixeira
Rita Santos
Vera Valente

Os organizadores e autores da exposição desejam expressar o seu agradecimento à cooperação prestada por todos os que desde o início sempre partilharam o seu sorriso e tempo, eles são:
Assunção Pestana, Irene Lima, Joana Bravo, Rita Bastos, Rui Lourosa, Rute Rosas, Vitor Azevedo.

Os alunos agradecem aos entes queridos, pela dedicação e apoio na realização dos seus sonhos.

Um especial agradecimento à Fundação Marques da Silva, que desde o início acolheu de bom grado a proposta da ESAP para realização da exposição.

Espaços de luz e Sombra

A exposição, *Espaços de luz e Sombra*, é o reflexo de um trabalho desenvolvido pelos alunos da ESAP, do curso de Fotografia, na Fundação Marques da Silva e visa explorar uma das muitas possíveis correlações entre a Fotografia e a Arquitetura.

Ao folhear-se uma qualquer história do meio fotográfico, há um nome que marca presença obrigatória, pela atribuição da primeira fotografia registada de forma permanente, Nicéphore Niépce. Um registo efetuado da janela do seu estúdio que nos permite visualizar os telhados das casas em frente. Para alguns críticos, este primórdio registo fotográfico, realizado por Niépce, é considerado como a primeira fotografia de Arquitetura.

A simbiose entre Fotografia e Arquitetura mantem-se ainda nos dias de hoje e o percurso que ambos os meios iniciaram desde então tem sido ao longo da história da arte uma jornada frutuosa. Hoje em dia a fotografia de Arquitetura já não é vista apenas como uma imagem representativa de uma obra arquitetónica, uma imagem que fornece registos da aparência dos edifícios, mas sim um agente gerador de conhecimento enquanto elemento integrado/correlacionado com a arquitetura. A questão que se coloca hoje é se a fotografia consegue articular algo mais do que o mero registo da estrutura arquitetónica. A relação do espectador ante a estrutura arquitetónica é acima de tudo espacial, enquanto a relação com uma fotografia é visual, neste sentido, as obras presentes nesta exposição partem da premissa: como é que uma fotografia interage com a experiência arquitetónica?

Partindo dos pressupostos apresentados, entre a relação Fotografia versus Arquitetura, os autores presentes nesta exposição não se limitaram a registar o espaço fotograficamente, e conseqüentemente emoldurar as fotografias e apresentá-las na forma clássica de moldura de parede. Os propósitos aqui são outros, os autores rompem da moldura para o espaço, o retângulo que limita a imagem fotográfica passou a ser todo o envolvente arquitetónico. Com esta ação, visou-se formalizar a premissa que alude à interação entre a Fotografia e a Arquitetura. Por exemplo, a Obra da Inês Castro é um dos arquétipos nesta exposição, ao explorar a relação da luz com o espaço e desta com a fotografia. A Inês apresenta-nos uma obra que espelha o quanto importante é a Luz, quer para a Fotografia quer para a Arquitetura. Diz-se, e com verdade, sem o elemento Luz não há Fotografia, o mesmo não se pode dizer em relação à Arquitetura, contudo a Luz é um elemento fundamental para

a modelação do espaço Arquitetónico. O projeto da Inês assenta alicerces no quanto é fundamental para o Fotógrafo e o Arquiteto o elemento Luz, ao construir uma instalação, na qual sem luz não podemos ver as fotografias e, ao mesmo tempo, é a Luz que emana das fotografias que nos mostra e modela o espaço Arquitetónico onde elas estão expostas.

Noutra perspectiva, não sem descorar igualmente o elemento Luz, mas dando sobretudo importância à volumetria Arquitetónica, a Instalação apresentada pela Juliana Costa pesquisa a relação do volume arquitetónico e o espaço circundante, ao reproduzir volumetricamente no jardim a planta da casa desenhada pelo Arquiteto Marques da Silva. A Juliana apresenta “caixas de luz e espelho” que refletem o espaço envolvente e reproduzem os jardins no interior da casa fotografada.

Quando entramos numa casa, por muito que nos possamos abstrair de pensar nas pessoas que por lá passaram, ou das que ainda lá habitam, tendemos a procurar elementos que nos possam ajudar a narrar uma história sobre as suas vidas, as suas vivências nesse espaço. Foi imbuído nesta ideia de narrativa que João Pinto estabeleceu como princípio de trabalho para o seu projeto. A sua Instalação quase que pode passar despercebida ao olhar do visitante menos atento, porque as obras apresentadas tendem a integrar-se na casa, ainda mais quando se usa fotografias de pessoas que aí habitaram. Contudo, o que João nos apresenta não passa de uma ficção, os retratados nunca foram fotografados no envolvente em que se apresentam, mas num outro sítio qualquer. É através de um processo digital que João traz os antigos habitantes para a casa onde viveram, expondo as imagens obtidas na sala de jantar, local comum de reunião familiar.

Esta exposição, que se apresenta num espaço nobre da Arquitetura Portuguesa, requer da parte do visitante não apenas um usufruir das obras apresentadas, mas que sinta igualmente todo o seu envolvente, pois as obras expostas nasceram das sensações que o espaço suscitou aos alunos e foi para esses espaços que elas foram construídas. E é isso mesmo que se pede ao visitante, que frua de Espaços de Luz e Sombra.

João Lima

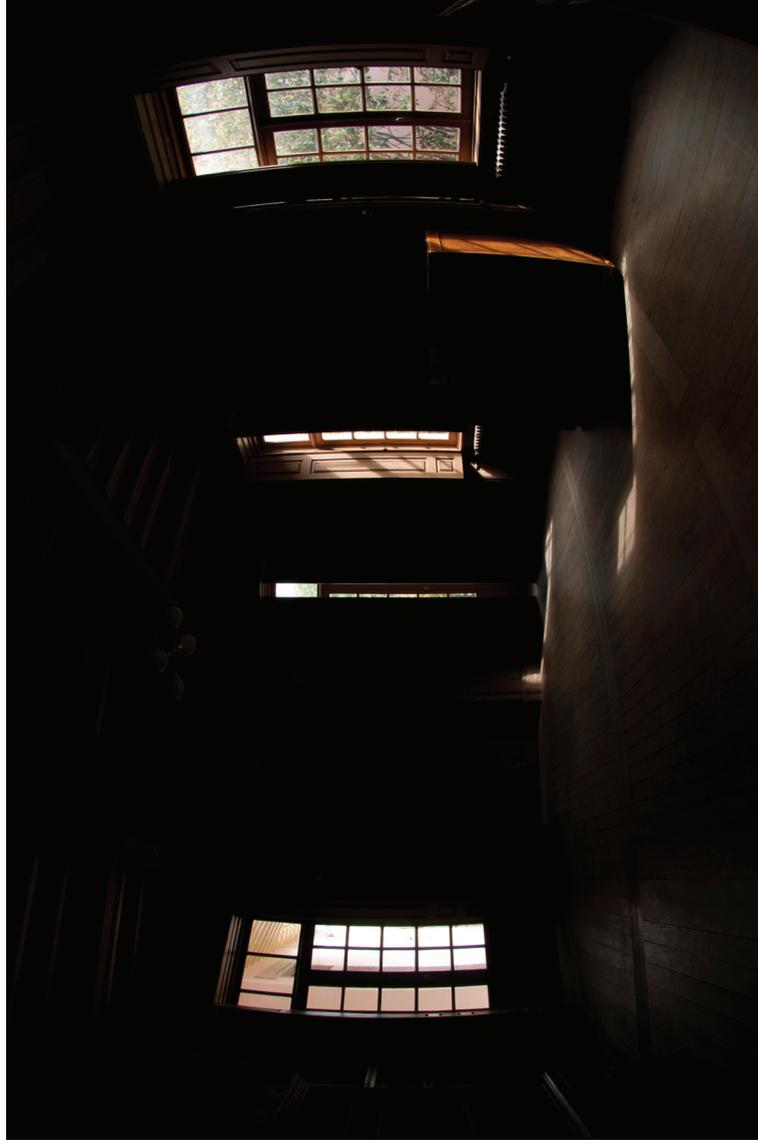
Inês Soveral

“Apontamentos”

A luz cria e dá forma ao espaço alterando a percepção que temos do mesmo.

As imagens fotográficas com que o espetador é confrontado pretendem, através da manipulação da luz, fornecer a experiência de estar naquele determinado espaço.

“Apontamentos” é um jogo de luz e forma, a criação de múltiplos espaços diferentes dentro do mesmo espaço.



João Pinto

“Memórias Ficcionalis”, 2012

O trabalho que exponho trata a descontextualização, a deslocação espaço/temporal do elemento humano e a sua recontextualização nas imagens apresentadas.

Construo através da foto manipulação novas memórias, a partir de imagens de família e de imagens do espaço no presente, da Fundação e desta forma crio Memórias Ficcionalis.

Fotografia e Instalação



Construturas

A instalação “Construturas” vai de encontro às volumetrias arquitetônicas que o arquiteto Marques da Silva nos oferece na Casa-Ateliê, articulando a mesma no espaço exterior circundante.

Os sólidos vão-nos transportar para uma nova visão criativa do espaço, unindo a espacialidade e os elementos da obra arquitetônica de Marques da Silva.

Assim, é permitido observar o desenho espacial, valorizando, a parte gráfica do desenho da planta da Casa-Ateliê. A (re)construção transpõe-nos para um jogo visual acrescido, capturando um conjunto de experiências através dos elementos expostos, alterando-se eles próprios com a luz, a sombra e com o tempo. Este trabalho encontra-se na Fundação Marques da Silva, no corredor das camélias, tendo em conta que o Porto é a “cidade das camélias” desde 1880.



Ricardo Teixeira

Fora do Lugar

Foi na estrutura que hoje vemos, onde outrora a família do Arquiteto Marques de Silva tinha a sua estufa, que surgiu a vontade de alterar esse mesmo espaço trazendo para ela elementos a si discordantes, criando assim uma nova leitura espacial.

A estrutura ainda existente da estufa, com a sua forma similar a de uma casa, será palco do nascer de um novo espaço visual criado pela transposição de alguns aspetos arquitetónicos e decorativos de ambas as casas para este lugar onde a imagem fotográfica ocupará o espaço de novas janelas para uma diferente realidade arquitetónica.



Rita Santos

“Caixas com luz”

“Este projeto tem por objetivo refletir a curiosidade que o interdito suscita em nós. Esta atração estranha que temos pelo que está do outro lado daquela porta fechada, levou-me a questionar outros aspectos como a veracidade do que nos é mostrado como verdadeiro e a nossa crença nisso mesmo!”



Vera Valente

Quando entrei naquela sala o ambiente era simplesmente inspirador. Rodeado de uma atmosfera, de festa que deu logo vontade de afogar num sonho, e aí permanecer.

O meu trabalho foi inspirado no grande salão, na sua representação e demonstração de beleza. Concedi-lhe mais uma vez um olhar atento e digno, com características do expressionismo, utilizando uma luz forte presente, e as cenas do quotidiano. Viver o momento, fantasiar, supor como seria a vida, um ato de representar uma cena de época. Um sonho, uma visão.



Esta folha de sala foi elaborada para a exposição que decorreu
na Fundação Marques da Silva.
Entre 18 de Maio e 6 de Junho 2012

Fotografia e Instalação

Co-organização

FUNDAÇÃO
MARQUES
DASILVA



esap
escola superior
artística do porto

